

FRANCISCO DE ASSIS E AS CIDADES DO SÉCULO XIII

Victor Augustus Graciotto Silva – UFPR*

Quando nos deparamos com os estudos de historiadores como Marc BLOCH, Fernand BRAUDEL, Jacques LE GOFF e Georges DUBY, referência para aqueles que se aventuram à pesquisar o período medievo, o século XIII aparece como momento em que se constata transformações no espaço e nas relações de poder da sociedade ocidental.

Direcionando nossos olhares para as cidades, adentramos no palco central onde se desenrola tais transformações. Constatamos os centros econômicos e culturais habitados por artistas, mercadores, intelectuais, artesãos e marginais. Observamos suas confrarias e corporações. Notamos tanto o tempo sendo comercializado pelos que praticam a usura quanto o saber sendo vendido pelos clérigos. Vemos ainda os graúdos da burguesia e a situação instável de inúmeros homens que vivem entre o mundo do trabalho e o mundo marginal.

Palco de contestação dos grupos sociais citadinos à ideologia da Igreja, a cidade ocidental acaba por provocar o surgimento de uma nova sociabilidade posta em prática pelas ordens mendicantes. Com isso, nos deparamos com o ainda intrigante movimento franciscano.

Francisco de Assis organiza e lidera um movimento que se coloca submetido à hierarquia eclesiástica e por isso obediente à ortodoxia cristã, mas que realiza uma atuação inovadora e concreta na sociedade respondendo tanto a carência quanto aos excessos eclesiásticos. Esta ambigüidade do movimento franciscano que proporcionava uma relação com os agentes urbanos e eclesiásticos, ora de afinidade ora de divergência, foi o primeiro dos incômodos que me instigaram a pesquisa.

O segundo deve-se a atualidade de Francisco de Assis. Seus sermões reproduzidos no *Fioretti*¹, constituem a principal leitura de referência à maioria dos frades franciscanos hoje. A atitude de Francisco em relação aos animais, seja em sua época ou na nossa, caracteriza a inclusão da natureza no mundo dos homens². Há ainda a estreita relação entre os franciscanos e os *hippies* nos anos de 1960/70, além dos chamados *novos* franciscanos desse início de

* Aluno de graduação do curso de História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista do programa PIBIC/CNPq e orientado pela professora Dr.^a Fátima Fernandes Frighetto do DEHIS/UFPR.

¹ Os *Fioretti* respondem ao conjunto de relatos orais que parte dos discípulos de São Francisco, Leão, Masseo e Egídio, passando através dos discípulos deles e chegando assim ao compilador do século XIV. Trata-se de uma tradição oral fundamentada no imaginário que se tinha sobre Francisco de Assis.

² A atualidade de Francisco observa-se pela sua imagem de padroeiro dos animais e defensor da natureza colocada pelos ecologistas.

século XXI³. E por fim, a crítica de Francisco para o desejo de posse (matriz do egoísmo e do orgulho) e sua proposta de praticar a pobreza (por meio da caridade) e a humildade, se fazem presentes de forma inquestionável para a sociedade urbana globalizada dos dias atuais.

A face ambígua de Francisco de Assis e a continuidade de sua presença até este início de século XXI, conduziram minhas leituras e questionamentos em tons cada vez maiores. O que pretendo desenvolver no presente artigo responde a este nó, na intenção de desamarrá-lo e assim tornar possível novos olhares sobre a cidade do século XIII – berço da própria cidade moderna – a partir daquele que destoou em seu tempo e talvez também no nosso: Francisco de Assis.

* * *

Estudos recentes⁴ buscam trabalhar tanto Francisco de Assis quanto a Ordem Franciscana inserindo-lhes no contexto feudo-burguês do século XIII. Tal contexto compreende as cidades ocidentais cristãs, isto é, aquelas que encontram-se nos territórios submetidos a ideologia da instituição da Igreja Católica Romana.

De acordo com Jacques ROSSIAUD⁵, estas cidades caracterizam um sistema urbano estruturado em torno de uma cultura específica, cuja natureza uniforme e desnivelada fundamenta-se na circulação e acumulação monetária. Esta cultura cidadina que integra os habitantes de maneira que não é possível um ignorar o outro, apresenta uma nova sensibilidade espacial e temporal, que se traduz como uma nova mentalidade.

Nesse processo constitucional de uma urbanidade temos a consolidação de transformações decorrentes de dois grupos sociais diferenciados: os mercadores e os intelectuais. Ambos agentes principais de uma nova mentalidade cidadina, que apresenta estreita relação com uma outra novidade urbana: os franciscanos. A relação entre os franciscanos e tais grupos citadinos situam-se no campo ideológico da Igreja, isto é, ocorre um jogo de embate social de novos pensares oriundos dos mercadores e intelectuais com os franciscanos e também com o corpo eclesiástico.

A questão maior que nos propomos a responder é de compreender esse processo de transformações urbanas, tanto no campo material quanto no simbólico, que está se

³ Os novos franciscanos são como intitulam-se aqueles que participam de comunidades alternativas. Os encontros anuais das comunidades alternativas que ocorrem no Brasil – ENCA – apresentam uma dimensão do resgate feito por aqueles sobre o modo de vida de Francisco de Assis.

⁴ Destaco os seguintes: BERLIOZ, Jacques (Org.). **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa : Terramar, 1996; MOREIRA, A. da S.(org). **Herança Franciscana**: Festschrift para Simão Voigt, OFM. Petrópolis : Vozes, 1996; LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro : Editora Record, 2001.

⁵ In: LE GOFF, Jacques (Org.) **O Homem Medieval**. Lisboa : Editorial Presença, 1989.

consolidando no século XIII a partir de um discurso novo de Francisco de Assis, que consegue corresponder aos anseios dos principais grupos citadinos.

Assim, iremos falar sobre a viabilidade de buscar o significado da novidade apresentada por Francisco a partir do discurso que é de sua autoria, tentando, ainda, indicar o quadro teórico e metodológico que dê conta de compreender a ambigüidade e a atualidade do discurso franciscano.

* * *

Em 1208, na pequena igreja de Porciúncula, conhecida também como Santa Maria Degli Angeli, nos arredores de Assis, Francisco (batizado como Giovanni di Pietro di Bernardone) decide por um estilo de vida de pregador ambulante, assumindo a missão apostólica de evangelizar a partir do exemplo de Jesus Cristo. Quando Francisco apresenta a primeira “regra”⁶ ao papa Inocêncio III em 1209, estava acompanhado por mais onze homens que constituíam seu grupo inicial de pregadores, seguidores de sua palavra e de seus atos. No final do ano de 1223, o papa Honório III aprova com bula papal a terceira Regra elaborada por Francisco, a regra definitiva⁷ da Ordem dos Frades Menores, que neste momento já era uma organização de grande vulto, orientada por um ministro-geral e vários ministros-provinciais. Pouco antes de morrer em 1226, Francisco de Assis ditou seu Testamento, reafirmando aos milhares de frades o modelo de cristão que a sociedade daquele século XIII aspirava.

Neste curto período aproximado de vinte anos, um novo modelo de cristão se consolida, um novo território é conquistado pela Igreja, uma nova maneira de evangelizar é elaborada, uma nova sociabilidade nas cidades é estabelecida. Os franciscanos ao povoarem e perambularem pelas cidades, com uma pregação simples e envolvente a partir de peças de teatro e de pequenas parábolas direcionadas a especificidade de cada grupo social citadino, significaram mudanças estruturais na sociedade urbana ocidental tanto em relação a vida material quanto a espiritual.

⁶ Apesar da vertente historiográfica franciscana *conventual*, “regra” não seria uma definição adequada para o que foi apresentado ao papa Inocêncio III. De acordo com alguns pesquisadores (LE GOFF, 2001; FALBEL, 1995) Francisco não buscou a aprovação para seu modo de vida – pregação evangélica – mas apenas reconhecimento pela autoridade máxima da Igreja de que não havia nada de errado com esta escolha de vida, isto é, que não era uma heresia. Defini-la como “regra” indicaria uma concepção já naquele momento de Ordem, tanto de Francisco como de Inocêncio III. Mesmo em relação às hagiografias, na primeira hagiografia de Francisco de Assis, escrita por Tomás de Celano, a primeira regra mencionada é a de 1221.

⁷ Encontra-se em vigor nos dias de hoje. O texto original conserva-se no Sacro Convento de Assis.

As particularidades deste processo de transformação envolvem tanto os aspectos urbanos quanto o discurso franciscano que respondia diretamente aos anseios oriundos do dinamismo citadino. Para Maria Cândida Monteiro PACHECO⁸, ingressar no movimento franciscano significa a junção da particularidade da experiência citadina com a espiritualidade franciscana. Enquanto que, Jacques LE GOFF⁹ e José MATTOSO¹⁰, analisam o fenômeno mendicante como um fenômeno urbano, utilizando a implantação das ordens mendicantes – em especial a franciscana para as pequenas cidades – como critério para precisar o crescimento das cidades. Ambos os estudos não só afirmam a necessidade de visualizar o cenário citadino para então compreender a ocupação franciscana, como ressaltam o fato da cidade apresentar no início do século XIII um caráter de novo.

Esta nova cidade surge a partir do século XII de acordo com Henri PIRENNE¹¹. Cresce e se transforma devido ao renascimento comercial envolvendo o mar Mediterrâneo, originando o burguês – aquele que vive nos burgos anexos as antigas cidades episcopais – que aliava um espírito laico com um misticismo, resultando na aceitabilidade de qualquer novidade. Jacques LE GOFF¹² também nos fala sobre esta cidade, definindo-a no século XII como fruto de uma revolução que caracteriza de modo geral para todo o Ocidente uma ruptura em termos físicos e mentais com a cidade do século anterior. Tais estudos evidenciam uma efervescência econômica nos centros urbanos europeus, que respondem conforme Fernand BRAUDEL¹³ a uma extensa rota comercial terrestre que interliga os Países Baixos com o Norte da Itália, formando um eixo econômico composto por uma rede de cidades destacando as feiras de Champagne na França, que no início do século XIII é visto pelo autor como centro econômico europeu.

A expansão comercial e o desenvolvimento das cidades muda a geografia citadina, surgem novos espaços, novos grupos sociais e novos problemas, que serão respondidos pelos franciscanos no século XIII. Um desses problemas seria o contraste cada vez maior entre a pobreza e a riqueza, questão que Michel MOLLAT¹⁴ contempla ao analisar a influência exercida por Francisco e os seus discípulos sobre o destino dos desvalidos. Os franciscanos

⁸ PACHECO, M. C. M. **Santo António de Lisboa: da ciência da escritura ao livro da natureza**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1997.

⁹ BERLIOZ, Jacques (Org.). **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa : Terramar, 1996.

¹⁰ MATTOSO, José. **Portugal Medieval: novas interpretações**. Lousã : Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

¹¹ PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. Lisboa : Publicações Europa-América, 1964.

¹² LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

¹³ BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII: o tempo de mundo**. Vol. 3. São Paulo : Martins Fontes, 1996.

¹⁴ MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro : Editora Campus, 1989.

significaram um novo olhar sobre a pobreza, vendo o pobre como um ser vivo e a pobreza como um fato concreto.

As novidades que surgem com esta revolução urbana do século XII é acompanhada por transformações no universo religioso, onde podemos destacar o trabalho de Brenda BOLTON¹⁵. Analisa a crise religiosa no século XII tendo como eixo principal o aparecimento de uma nova consciência religiosa, tanto entre o clero como entre os leigos, que busca não mais se refugiar do mundo em mosteiros, mas procurar seguir uma *vita apostolica* fundamentada nos Evangelhos. Ao trabalhar com os movimentos religiosos laicos e com as ordens mendicantes a autora traça linhas que interligam esses grupos e nos oferece a oportunidade de compreendê-los a partir de suas semelhanças – seja na origem ou na forma de atuarem – e de suas diferenças em relação ao tratamento dado pelo papado.

As contestações oriundas da sociedade laica fazem parte de um quadro maior, que consiste em um contexto herético definido por Nachman FALBEL¹⁶ conforme o contexto no qual cada heresia está inserida, indo além do significado generalizado pelos escritores eclesiásticos de heresia como doutrina contrária aos princípios da fé oficialmente declarada. Com isso, afirma que ela apresenta um caráter popular questionador da ética eclesiástica e da hegemonia do cristianismo.

O movimento religioso laico apresentava em sua maioria discursos que criticavam a ética eclesiástica acusando-a de um desvirtuamento da religião fundada por Cristo, razão pela qual a Igreja enquadrou-os como heréticos. Entretanto, eles não se colocavam contra a Igreja, pelo contrário, assumiam o papel de reformadores dela atuando em concordância com o corpo doutrinário eclesiástico, ao ponto de se apoiar nele para sustentar a oposição a certas práticas da Igreja. O discurso destes grupos defendiam a volta de um estilo de vida de Cristo e dos apóstolos, recuperando a partir dos Evangelhos a imagem de um passado cristão alicerçado na prática da pobreza, da humildade e da caridade. Os desvios apontados são justamente o abandono destas práticas, acentuado por intervenções eclesiásticas no mundo secular em prol do acúmulo e concentração de terras, bens materiais e do saber intelectual.

O algo novo dos franciscanos assume significado devido ao dinamismo promovido por aqueles que vivem nas cidades. Significa dizer que o discurso franciscano ao atuar na cidade, precisa ser pensado a partir dos grupos citadinos que estabelecem relações com a Igreja, com a heresia, com o movimento religioso laico e com o contexto econômico e social urbano.

¹⁵ BOLTON, Brenda. **A reforma na Idade Média**: século XII. Lisboa : Edições 70, 1983.

¹⁶ FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo : Perspectiva, 1976.

Ao conduzir a análise para a relação entre a novidade citadina e o discurso franciscano, necessitamos entender o que significa o discurso franciscano, isto é, precisamos ponderar, como fez Nachman FALBEL¹⁷, sobre o significado de Francisco de Assis perante a própria Ordem Franciscana. Enquanto pequena comunidade a relação entre Francisco e os irmãos era de um disciplina e obediência naturais, uma espontaneidade que conservou uma unicidade de ideais e de princípios em torno de sua palavra e de seu exemplo. Com o crescimento gradual do número de irmãos e a expansão para outras regiões, a geografia medieval de comunicação lenta e demorada prejudicou o contato íntimo que a pequena comunidade desfrutava, perdendo-se assim o dinamismo e a unidade centrada em Francisco e conseguinte perda da pureza dos princípios originais.

Após sua morte, a inevitável distorção dos ideais rigorosos de pobreza e humildade é acompanhada pela necessidade dos frades em preservar o que for possível da vida de Francisco de Assis. Surgem diversas hagiografias¹⁸ neste momento permeado de escritos e narrativas orais sobre a vida de Francisco, caracterizando uma diversidade e um volume de versões, ora complementares, ora divergentes. Diante de uma Ordem que fundamentava-se no modelo de seu fundador mais do que na Regra reconhecida pela Igreja, o fato de existir várias histórias sobre ele resultava em uma perda de controle sobre o que significava ser um franciscano na época.

Em vida, Francisco concretizava os ideais de pobreza e humildade a partir de suas palavras e principalmente de seus atos. André VAUCHEZ¹⁹ ao estudar o que significava Francisco para a Ordem antes e depois de sua morte, sustenta que a originalidade franciscana estava de fato na pessoa de Francisco, sendo que até mesmo a Regra que formulou somente assume significado se for seguida conforme ele seguiu. A presença dele assegurava a homogeneidade do movimento franciscano, lembrava e reforçava os ideais que regem a prática do irmão pregador.

¹⁷ FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo : Perspectiva, 1995.

¹⁸ As obras de Tomás de Celano escritas entre 1228 e 1240, *a Lenda dos Três Companheiros: a vida de São Francisco de Assis narrada pelos seus discípulos irmãos Leão, Rufino e Ângelo*, escrita em 1246, e por fim *A Legenda Maior e Legenda Menor: vida de São Francisco de Assis* escrita por São Boaventura em 1263, respondem a todo um processo dos Capítulos Gerais e dos Ministros gerais da Ordem dos Menores em oficializar uma só versão sobre a vida de Francisco de Assis.

¹⁹ BERLIOZ, Jacques (Org.). **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa : Terramar, 1996.

Os escritos²⁰ de autoria de Francisco de Assis oferecem a possibilidade de se compreender esta originalidade, considerando que o discurso de Francisco se fez presente em todas as hagiografias sobre ele, de forma a ditar o caminho reto da Ordem Franciscana. Entretanto, se as hagiografias fundamentam-se na memória dos contemporâneos de Francisco e de estarem sujeitas tanto as intenções dos autores quanto a da cúpula papal e franciscana, o conjunto de escritos de Francisco de Assis refletem o ideal franciscano de forma mais fidedigna.

Assim, a novidade do discurso franciscano proferida por Francisco, significa material rico para a compreensão de um momento crucial da história européia ocidental, caracterizado por uma dinâmica ora de produto ora de produtor entre a cidade e o discurso franciscano. A revolução urbana em níveis econômicos (comércio e artesanato) e religiosos (movimento religioso laico e heresias) do século XII, acabam por oferecer os elementos que permitem o surgimento do movimento franciscano no início do século XIII. Por outro lado, Francisco de Assis oferece para as novidades citadinas uma nova moral como resposta as necessidades espirituais e sociais decorrentes de todas aquelas transformações urbanas.

* * *

A questão que apresento como desfecho para este artigo diz respeito a um pequeno roteiro de pesquisa²¹, voltado para compreender a novidade do discurso produzido por Francisco de Assis.

Considerando os grupos sociais que interagem em relação ao discurso franciscano – mercadores, intelectuais, clero – situam-se em um campo ideológico²², a primeira preocupação no qual nos atemos refere-se as ideologias presentes nesse embate²³. A maioria dos estudos que abordam o período em questão apresentam como ideologia predominante

²⁰ A obra **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**, organizada pelo Frei Ildelfonso SILVEIRA (OFM) e por Orlando dos REIS, contém os escritos de Francisco de Assis. Esta parte fundamenta-se na edição crítica de Kajetan ESSER (OFM) titulada como **Die Opuscula des Hl. Franziskus non Assisi**, que foi traduzida por Frei Edmundo Binder (OFM) como os *Escritos de S. Francisco*. Caracteriza uma tradução que conservou-se fidedigna aos documentos originais, salientando que é considerada referência para os estudiosos e pesquisadores em termos de língua portuguesa. Os *Escritos de S. Francisco* são compostos por vinte e oito documentos. As cartas (no número de dez), as regras (4) e o testamento (1) representam o eixo documental no qual nos concentramos.

²¹ Refere-se a pesquisa monográfica em desenvolvimento e que será objeto de avaliação previsto para Março de 2003 na Universidade Federal do Paraná.

²² BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1987.

²³ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo : HUCITEC, 1995.

aquela produzida pela Igreja, onde o pensamento medieval²⁴ responde a hegemonia da mentalidade cristã, que ordena o mundo temporal conforme os preceitos do mundo espiritual. Contudo, temos também ideologias em processo de formação como a dos mercadores e dos intelectuais, que são pensados grupos sociais que realizam funções diferenciadas²⁵ inseridos em uma cultura cidadina²⁶ de caráter uniforme e homogêneo, sendo assim agentes de um processo de urbanidade.

Após este primeiro momento, que analisa a interação entre as ideologias presentes no palco urbano, retomamos os escritos de Francisco de Assis direcionando nossos olhares para o jogo de conflitos ideológicos que podem ser percebidos a partir do discurso.

A partir da premissa que todo signo é ideológico e a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, resultando em que toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da “língua”,²⁷ temos um processo ininterrupto que acaba por ordenar o campo citadino.²⁸ Com isso torna possível orientarmos nossas análises considerando o discurso de Francisco como poder simbólico²⁹ que constitui um campo de embate social e ideológico dos interesses materiais e simbólicos dos grupos em interação.

Assim, encarando os escritos de Francisco como um discurso polêmico³⁰ que trava embate com o discurso autoritário produzido pela Igreja, apontamos para a compreensão do caráter ambíguo³¹ do movimento franciscano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo : HUCITEC, 1995.

BERLIOZ, Jacques (Org.). **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa : Terramar, 1996.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. São Paulo : Edições 70, 1982.

BOLTON, Brenda. **A reforma na Idade Média: século XII**. Lisboa : Edições 70, 1983.

²⁴ LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa : Editorial Estampa, 1993.

²⁵ ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. 2 v. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.

²⁶ LE GOFF, Jacques (Org.) **O Homem Medieval**. Lisboa : Editorial Presença, 1989.

²⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo : HUCITEC, 1995.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1987.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo : Edusp, 1998.

³⁰ ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo : Brasiliense, 1983.

³¹ Relacionando a questão da aceitação da obediência à hierarquia eclesiástica como a reprodução do discurso autoritário da Igreja e conseguinte englobamento ideológico, com a questão dos ideais de pobreza e humildade significarem uma ruptura com o ideário eclesiástico – discurso polêmico – , visualizamos o processo do conflito ideológico no qual nos referimos anteriormente.

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1987.
- _____. **A Economia das Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo : Edusp, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII: o tempo de mundo**. Vol. 3. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- DUBY, Georges. **As três Ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa : Estampa, 1982.
- _____. **O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade 980-1420**. Lisboa : Editorial Estampa, 1993.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. 2 v. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.
- FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo : Perspectiva, 1995.
- _____. **Heresias Medievais**. São Paulo : Perspectiva, 1976.
- GENICOT, Léopold. **Europa en el siglo XIII**. Barcelona : Editorial Labor, 1970.
- GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a Força: história da miséria e da caridade na Europa**. Lisboa : Terramar, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- _____. (Org.) **O Homem Medieval**. Lisboa : Editorial Presença, 1989.
- _____. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa : Editorial Estampa, 1993.
- _____. **Os Intelectuais na Idade Média**. São Paulo : Editora Brasiliense, 1988.
- _____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro : Editora Record, 2001.
- _____. **Por Amor às Cidades**. São Paulo : Editora UNESP, 1998.
- LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. São Paulo : Editora 34, 1999.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. **Montaillou, Cátaros e Católicos numa aldeia francesa (1294-1324)**. Lisboa : Edições 70, 1975.
- MATTOSO, José. **Portugal Medieval: novas interpretações**. Lousã : Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.
- MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro : Editora Campus, 1989.
- MOREIRA, A. da S.(org). **Herança Franciscana: Festschrift para Simão Voigt, OFM**. Petrópolis : Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- PACHECO, M. C. M. **Santo António de Lisboa: da ciência da escritura ao livro da natureza**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1997.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas : Pontes, 1997.

PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. Lisboa : Publicações Europa-América, 1964.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1995.